

A Comunicologia segundo Vilém Flusser*

MICHAEL HANKE

Resumo Este artigo trata da "comunicologia", ciência da mídia e da comunicação, de Vilém Flusser, um dos pioneiros dessa área no Brasil, criador do primeiro curso da comunicação em São Paulo na década de 60. Apresenta a sua história biográfica e institucional, as linhas de influência intelectual assim como um panorama teórico e características da sua obra, sendo estas cunhadas pela semiótica, fenomenologia e cibernética.

Palavras-chave teoria da comunicação, comunicologia, Vilém Flusser

Abstract This article is about the so-called "communicology", science of media and communication, as developed by Vilém Flusser, one of the pioneers of this area in Brazil, who also founded the first course in communications in São Paulo in the 1960s. After presenting his biographical and institutional history, the lines of intellectual influence are sketched and an overview of his theory as well as characteristics of his work are presented, these being coined by semiotics, phenomenology and cybernetics.

Key words communication theory, communicology, Vilém Flusser

APRESENTAÇÃO E BIOGRAFIA

Se podemos, entre as várias ciências, encontrar uma sociologia, psicologia, biologia e tecnologia, porque não existe uma "comunicologia", teoria e ciência da comunicação? A comunicação como objeto científico, especialmente na época da

* Este artigo faz parte de uma pesquisa apoiada pelo CNPq. Foi apresentado no Intercom 2003 – XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Belo Horizonte.

revolução midiática, deve ou pode ser considerada menos importante de que as outras áreas? Não merece uma ciência própria? Esse é o raciocínio do pensador tcheco-brasileiro Vilém Flusser.

Nascido em Praga (Tchecoslováquia) em 12 de maio de 1920, Vilém Flusser fugiu dos nazistas em 1939, ainda quando estudante na Universidade Karlov; ele foi o único membro da família que sobreviveu ao holocausto (cf. Flusser 1999a: 28-29). Chegou – via Londres – ao Rio de Janeiro em 1940, com esposa e sogros, seguindo para São Paulo, onde fixou residência.

Durante cerca de 15 anos, Flusser trabalhou em firmas comerciais e industriais do sogro, se dedicando aos negócios durante o dia e à filosofia à noite, até os meados dos anos 50, quando resolveu abandonar essa atividade prática e dedicar-se inteiramente à vida intelectual. Graças ao seu excepcional desempenho intelectual foi convidado a participar no círculo do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), onde passou a participar nas reuniões de seus membros e assistir às aulas, dentre as quais o curso de lógica simbólica, ministrado pelo prof. Leônidas Hegenberg¹. O interesse filosófico de Flusser firmou-se na filosofia da linguagem e nos autores Moritz Schlick, Ludwig Wittgenstein e Rudolf Carnap, cuja leitura indica que ele dominou a língua alemã perfeitamente – como quase todo tcheco-judeu – e iniciou os estudos com o positivismo lógico do Círculo de Viena. Lia também filosofia anglo-saxônica e alemã, como Ernst Cassirer; Alfred Whitehead e autores do pragmatismo americano, como John Dewey e Bertrand Russell. Contudo, foi Wittgenstein quem mais o influenciou. Flusser desenvolveu sua própria filosofia da linguagem entre 1960 e 1980, que foi publicada nas revistas do IBF. Em 1961 começou a escrever sobre o assunto no jornal *O Estado de S. Paulo*. Também nessa linha lançou, em 1963, seu primeiro livro, *Língua e realidade*². Em 1959 tornou-se professor de filosofia da ciência na Universidade de São Paulo, e em 1963 de teoria da comunicação na Faculdade de Comunicação e Humanidades da Fundação Armando Álvares Penteado e na Escola de Comunicação e Artes em São Paulo. Foi na Faculdade de Comunicação e Humanidades da FAAP que Flusser fundou, em 1967, o primeiro curso de comunicação do Brasil. Ouçamos Flusser:

1. Professor de filosofia da ciência, conhecido como tradutor de textos de Charles Sanders Peirce e organizador de uma das primeiras edições das obras desse filósofo no Brasil, o livro *Semiótica e filosofia* (São Paulo: Cultrix, 1975).
2. Com esse livro Flusser encantou João Guimarães Rosa, com quem iniciou diálogo. Segundo Celso Lafer, "Flusser foi atraído e atraiu G. Rosa" (1999: 10). Após a leitura do livro, Rosa enviou-lhe um telegrama: "Maravilhado, emocionado, entusiasmado [sic] poderosos artigos abraços [sic] grato grande amigo G. Rosa" (Flusser 1999a: 294). Ver também a autobiografia de Flusser sobre Rosa (1999a: 139-150).

Quando eu desenhei junto com Miguel Reale [professor e filósofo de jurisprudência, ex-reitor da USP e fundador do IBF] a estrutura da Faculdade ... (uma estrutura em que eu já estava pensando havia alguns anos e que eu discuti em Boston com Chomsky, Santillana e Quine), pensávamos em dois tipos de cadeiras, uma da área de exatas e outra, de humanas, que seriam unificadas na cadeira teoria da comunicação. Em virtude dessa cadeira teoria de comunicação (cadeira que eu reservara para mim) foi possível definir melhor essa vaga noção teoria de comunicação, para a qual eu formulei a seguinte definição: "teoria da comunicação é um meta-discurso de todas as comunicações humanas, de modo que ele possibilita evidenciar as estruturas dessas comunicações". Quero destacar que isso é uma definição de trabalho (*working definition*) para essa situação na Faculdade de Comunicações [sic] e Humanidades. Essa definição gerou o programa (ementa) do curso... (Flusser 1999a: 223. Tradução e notas de Michael Hanke).

Segundo esse programa (Flusser 1999a: 223-25), o campo da comunicação, sendo desordenado e difuso, precisa ser limitado e circunscrito. Para isso é necessário definir as áreas constitutivas e desenvolver métodos correspondentes. Por fim, é necessário perguntar, como os resultados podem ser aplicados na prática da comunicação humana, ou seja, como a teoria pode ser verificada pela prática. A teoria, por conseguinte, tem a tarefa de oferecer concepções para o "comunicólogo", que assim dispõe de instrumentos para interferir no processo de comunicação.

A teoria da comunicação pertence à área das "humanidades"³ e é uma disciplina interpretativa (Flusser 1998a: 12). Ao contrário da teoria da informação ou cibernética, coloca no centro do processo o ser humano como animal *symbolicum*, o qual tem uma necessidade fundamental de se comunicar, e em seu entorno as mídias, que trabalham entre os homens e os objetos do mundo.

O programa consistia em três níveis: no primeiro, que pode ser chamado ontológico, pergunta-se "o que é a comunicação humana?". No segundo, epistemológico, procuram-se métodos e pergunta-se "como posso analisar a comunicação humana para entendê-la?". E, no terceiro, que pode ser chamado noeticamente engajado, procuram-se métodos para modificar a comunicação existente e pergunta-se "como deve ser a comunicação humana, o que posso fazer nesse sentido?". Esse programa, que Flusser procurou desenvolver em todos os seus cursos na FAAP, é definido como interdisciplinar no sentido de poder usar competências e métodos de outras disciplinas, como a antropologia, psicologia, neurociência, filosofia e teoria da comunicação. Assim, obviamente, continua sendo atual até hoje.

Em 1965 Flusser começou a lecionar Filosofia da Linguagem no Instituto Tecnológico de Aeronáutica em São José dos Campos (onde também atuou He-

3. "Humanities", segundo expressão em inglês usada por Flusser (1998a: 9).

genberg). Em 1967 foi contratado pela Escola Politécnica da USP para ministrar aulas de filosofia e evolução da ciência. Já desde 1963, quando essa escola decidira estabelecer cinco disciplinas humanísticas que formariam o futuro Departamento de Humanidades — aulas obrigatórias para todos os cursos da Poli, lugar provavelmente responsável pelo conhecimento da cibernética e teoria da informação — Flusser tinha atuado como professor auxiliar de ensino de Milton Vargas, professor responsável pela disciplina⁴. Vargas lembra que Flusser “desencumbiu-se brilhantemente dessa missão... de conduzir as discussões no sentido de motivar os alunos de engenharia para assuntos fora das finalidades dos seus cursos técnicos” (Vargas 1998: 19). Depois de ter substituído Milton Vargas como responsável pela disciplina mencionada, Flusser continuou até 1971, quando, com a reforma universitária, a disciplina foi transferida para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Apesar de não ter assumido a disciplina na USP, a influência de Flusser, que se verifica no pensamento de alguns autores brasileiros, se deve à sua atuação anterior à transferência.

Foram vários os motivos de Flusser para deixar o Brasil, dentre os quais, destacam-se as condições desfavoráveis do ensino e a ditadura militar. Com o golpe militar de 1964, Flusser perdera seu sonho de que a cultura brasileira seria uma alternativa para a decadência ocidental⁵. Também, cientificamente, perdeu a confiança num projeto de racionalidade neopositivista que ele seguiu inicialmente, e substituiu, como fio condutor da interpretação da realidade, a ciência pela arte. Quando começou escrever a coluna “Posto Zero” na *Folha de S. Paulo*, em 1972, colaborou na preparação da 13ª Bienal de São Paulo, mas aproveitou uma viagem para Europa, e por lá ficou, na esperança de encontrar melhores condições para o trabalho científico. Mudou-se para Itália e depois para Provence, França. Ensinou como professor na École d’Art et d’Architecture em Marseille-Luminy (1977) e na Théâtre du Centre em Aix-em-Provence (1986-87) até quando se tornou Professor Visitante na Universidade Bochum, Alemanha (1991). Faleceu em acidente de automóvel na proximidade de Praga em 1991.

4. Além de Vargas destacamos também Miguel Reale e Vicente Ferreira da Silva como amigos e parceiros de discussões. Veja também os respectivos capítulos na autobiografia (1999a).

5. O título alemão do livro *Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen* (1994a), grande parte escrito em 1971, significa “Brasil ou a busca do novo homem”, o que explicitamente expressa a expectativa de Flusser — dado a experiência com o nazismo e também uma decepção com o marxismo por causa de Stalin e do stalinismo (Flusser 1999a: 32) — em relação ao “melhor novo mundo”. Ele escreve na autobiografia: “O golpe ... me desiludiu” e causou “minha decepção em relação a minha terra brasileira” (1999a: 256). Ver também Vargas (1999: 282).

Nessa época européia, Flusser tornou-se muito produtivo; passava boa parte do ano em viagens para participar em palestras na França, Suíça, Alemanha e Estados Unidos (como, por exemplo, em 1974, junto com Hans Magnus Enzensberger, no Museum of Modern Art em Nova York, numa conferência sobre “The Future of Television”, em que apresentou uma fenomenologia da televisão (Flusser 1977)). Escreveu e publicou seus livros em quatro línguas — alemão, francês, inglês e português, as quais dominava perfeitamente na fala e na escrita. Visitou regularmente o Brasil e viajou exclusivamente com seu passaporte brasileiro⁶. Dada essa variedade de influências Flusser considerou: “Estou sem terra natal, porque tem terras natais demais em mim. ... Estou em casa em pelo menos quatro línguas...” (1999a: 247). Talvez por isso tenha rejeitado veementemente a denominação de filósofo alemão, que Abraham Moles usou uma vez⁷. De sua obra somente poucos textos que foram escritos numa língua estão traduzidos nas outras, o que dificulta o acesso a Flusser. Porém, traduções, que formam a base de qualquer recepção, estão sendo realizadas aos poucos. Por exemplo, recentemente, foram lançadas nos Estados Unidos as traduções: *Vilém Flusser: Writings* (2002) e *The Freedom of the Migrant* (2003a). Atualmente está em preparação a tradução do *Língua e realidade* para o alemão.

IMPORTÂNCIA E RECEPÇÃO DE FLUSSER NO BRASIL

A obra de Flusser recebeu também, continuamente, atenção no Brasil (cf. o Boletim Flusser, por exemplo, Machado (1997), Bernardo (1997), Lepargneur (1998), Röller (2001), Baitello Junior (2003)), e exerceu uma influência, que Celso Lafer, aluno de Flusser, resume recentemente numa maneira poética: “os ventos do seu espírito são invisíveis, mas ainda assim o que eles fazem é manifesto e de alguma maneira sentimos a sua proximidade” (1999: 16). No ano de 1999 foi organizado um seminário *Vilém Flusser no Brasil* (Bernardo/Mendes: 2000), do qual podemos destacar dois artigos de autores, que também se consideram alunos de Flusser: Lúcia Santaella e Arlindo Machado.

Segundo depoimento de Lúcia Santaella, no artigo “Flusser na virada do milênio”, ela tomou conhecimento de Flusser quando, no final dos anos 70, começou a se interessar pela linguagem visual e pela imagem em geral nos seus cursos de pós-graduação em comunicação e semiótica, e “muitos de meus alunos, alguns

6. O casal Flusser continuou com cidadania brasileira (Edith Flusser em e-mail 22.05.2003 ao autor do artigo).

7. Abraham Moles — filósofo francês e amigo de Flusser, a quem dedicou um de seus livros.

egressos da FAAP, mencionavam Flusser, apontando para a importância de suas idéias" (2000: 117). Ela ainda destaca "o caráter altamente antecipatório dessa obra" e afirma: "meu pensamento foi e está profundamente marcado pelas idéias de Vilém Flusser" (2000: 123-4). Segundo Arlindo Machado (apresentador da edição portuguesa de Ensaio sobre a Fotografia, Para uma filosofia da técnica (1998b), versão de Filosofia da caixa preta, seu livro mais divulgado no Brasil), a obra desse "notável pensador", que no Brasil "forjou a maior parte de suas teorias, está sendo hoje reavaliada em todo o mundo" (2002: 27). Em outro artigo, Machado afirma, "dentre os vários pensadores que despontaram no Ocidente nesta segunda metade do século, Vilém Flusser talvez seja aquele cuja importância mais tem crescido ultimamente" (Machado 2000: 131). Considerações essas, mesmo que possam ser um pouco exageradas, dão motivos suficientes para olhar mais de perto a obra desse pioneiro da teoria da mídia e da comunicação, considerado o primeiro a relacionar a teoria da comunicação com as novas tecnologias de informação e sistemas de mídia.

FLUSSER BRASILEIRO E FLUSSER EUROPEU

A própria biografia sugere diferenciar duas fases na trajetória intelectual de Flusser: uma primeira no Brasil e uma segunda depois de seu retorno para a Europa, o que se reflete em sua obra. Mesmo que o germen da segunda fase da produção de Flusser entre 1973 e 1991 já estivesse contido nas obras da primeira fase, a mudança de país refletiu numa mudança de conteúdo e numa orientação da sua obra. A ciência da comunicação humana foi a área de conhecimento e o campo importante de ensino e pesquisa de Flusser ainda no Brasil, mas somente em sua fase europeia o pensamento flusseriano, desenvolvido entre 1967 e 1972 no país, ganhou forma de publicação. Porém, essa obra da década de 80, época da maior popularidade de Flusser na Europa, na qual há uma ênfase na teoria da comunicação, com livros importantes tais como *Kommunikologie* [Comunicologia] (1998a), *Gesten* [Gestos] (1994b), *Medienkultur* [Cultura da mídia] (1997) e *Die Schrift* [A escrita] (1992), dentre outros, ainda não foi traduzida para o português, e sua obra voltada para a filosofia da comunicação "praticamente ignorada" no Brasil (Mendes 2000: 217). Por isso, e porque a recepção se concentrava na *Filosofia da caixa preta*, não existem "produções associadas estruturalmente ao pensamento teórico de Flusser" (Mendes 2000: 219). Assim, é necessário estudar essa fase da teoria de comunicação de Flusser europeu para superar a carência de conhecimento de uma obra tão relevante para os estudos da comunicação e a história da disciplina no país.

PANORAMA TEÓRICO

Comunicologia: Teoria da Comunicação e da Mídia

O termo "comunicologia" traduz o título do livro *Kommunikologie*, publicado em alemão (1998), por meio do qual Flusser denominou sua teoria sobre a comunicação humana. A "comunicologia" trata as formas e códigos dessa comunicação, que é definida como processamento, armazenagem e divulgação de informação já existente, assim como a criação de nova informação.

Comunicação, segundo Flusser, sempre depende da mídia, e talvez a maior descoberta realizada por ele foi perceber que qualquer mídia possui uma lógica própria, ou seja, que uma mídia transmite informações sobre a realidade segundo leis próprias. Se mudamos a estrutura da mídia, mudamos também a realidade percebida. Pode-se dizer que, talvez, a idéia da lógica particular da mídia já estivesse presente de forma embrionária no primeiro livro, *Língua e realidade*. A língua é concebida não só como mapa da realidade (ecoando Wittgenstein), mas como algo que compõe um feedback entre si mesmo e a realidade, possibilitando perceber essa última ontológica, epistemológica e esteticamente, como Flusser mesmo afirma (1999a: 144-45). Naquela época, marcado pela filosofia da linguagem, Flusser considerou o diálogo como essência da língua, uma idéia estimulada também por leitura de Martin Buber, filósofo judeu⁸. A língua se efetiva na conversa e "é sinônimo de intelecto se definida como 'campo no qual se dão organizações de palavras'" (Lafer 1999: 7). Daí que o "interior impenetrável" do homem "produz constantemente símbolos e estruturas ordenadas" (Flusser 1999a: 240), como já observara Cassirer, que cunhou a expressão do ser humano como animal *symbolicum*.

Flusser foi um dos primeiros a perceber as conseqüências da revolução causada pela nova tecnologia da mídia e informação, e se tornou "o único filósofo que assumiu, cedo e sem quaisquer reservas, o desafio de um futuro moldado pela mídia..., começando por sua filosofia da fotografia" (Ströhl 2000: 58-59). Contrapondo-se a Karl Marx, ele considera não mais a propriedade e a economia, mas a informação e a comunicação como aquilo que confere poder e constitui a infra-estrutura da sociedade (Flusser 1997: 155). Identifica duas revoluções industriais: a primeira que mudou o trabalho e a segunda, iniciada pela fotografia e telegrafia, que mudou a comunicação. Também a última afetou as relações sociais, ou seja, juntamente com

8. Agradeço Edith Flusser por ter chamado atenção a esse detalhe, comentando uma versão anterior desse artigo (e-mail 22.05.2003 ao autor).

as mídias, transformam-se os códigos que operam nelas. Segundo ele, a revolução dos códigos causada pela TV, computador e vídeo seria tão profunda como a revolução causada pela máquina a vapor (1998a: 236). Naquela época Flusser considerou que estamos no meio desse processo de mudanças e rupturas, e por causa disso precisando de uma ciência da mídia e da comunicação. Igualmente, como a tecnologia trata a primeira revolução, a "comunicologia" deveria tratar a segunda, a dos mass media e imagens técnicas. Para entender essa nova revolução cultural é necessário analisar o nível no qual ela se realiza, ou seja, o nível da comunicação (1998a: 235-36, 265).

No livro *Cultura da mídia (Medienkultur)*, Flusser descreve o estado atual da sociedade e a revolução comunicacional, assim como a sociedade da informação telemática e as transformações de espaço e tempo. Aqui inseridas estão as teorias de imagem, que tratam a relação mundo – imagem – texto – imagem técnica e desenvolvem uma fenomenologia da fotografia, filmes, vídeo, televisão e cinema. A proliferação das imagens e a tendência atual na sociedade moderna de apresentar cada vez mais informação em imagens audiovisuais em vez de textos (Manovich 2001: 78), processo que recentemente vem recebendo atenção científica sob o designação "virada pictorial" (*iconic turn*), cunhado por T. J. W. Mitchell em 1994, foi antecipada por Flusser, pois constava na sua obra a reflexão sobre a crescente preponderância das imagens técnicas como meios de comunicação. Nessa época, denominada por ele "pós-histórica", conceito que parte de uma mudança de paradigmas nos códigos com os quais nos comunicamos (e não deve ser confundido com "pós-modernidade" (cf. Ströhl 2000: 49-54)), os sistemas de escrita são substituídos pelas imagens técnicas, num "processo circular que retraduz textos em imagens" (Santaella 2000: 125), produzindo ameaças à sociedade; de tal forma que a crítica da comunicação e das imagens de Flusser se apresenta como uma crítica da sociedade e da cultura. Assim Flusser diagnóstica, já naquela época, o colapso dos textos e a hegemonia das imagens nas sociedades pós-históricas: na "revolução das imagens técnicas", elas "passam a ser 'falsas', 'feias' e 'ruins'; além de não terem sido capazes de reunificar a cultura, mas apenas de fundir a sociedade numa massa amorfa" (Flusser 1998b: 38). Apesar de não ter recebido nenhuma influência da teoria crítica e do conceito de indústria cultural, essa posição flusseriana fica mais próxima a essa abordagem do que parece, como foi destacado recentemente (Duarte 2002).

SEMIÓTICA, FENOMENOLOGIA E CIBERNÉTICA

O afastamento da academia e as circunstâncias biográficas já sugerem um caráter próprio e autodidático de leitura e aprendizagem. O próprio Flusser carac-

teriza seu estilo de filosofar como um jogo de xadrez, considerando os filósofos como figuras (1999a: 51). E segundo Lafer, "Flusser não era um pensador bem comportado... Integrava a família intelectual dos grandes carnívoros. Devorava livros e idéias, antropofagicamente..." (1999: 9). Assim, o pensamento de Flusser apresenta uma mistura própria. Dessa obra extensa e multifacetada destacamos aqui três vertentes teóricas: a semiótica, a fenomenologia e a cibernética. Ainda que as duas últimas sejam aqui tratadas mais brevemente, isso não quer dizer que elas sejam menos importantes.

A semiótica se articula pela centralidade que a noção do código ocupa na teoria flusseriana. O mundo codificado é o título programático de um livro (Flusser 1974) e repetido em vários capítulos de livros. Flusser se encaixa na tradição da semiótica ocidental e define o ser humano como *zoon politikon*, se referindo (sem fonte, como faz freqüentemente) a uma fórmula de Aristóteles (Pol. 1, 2, 1253a), segundo a qual esse *zoon politikon* depende essencialmente da existência de signos (*semeia*) e língua/linguagem (*logos*) para fins de comunicação; e o resultado dessa sociabilidade se chama *koinonia*, raiz grega da palavra "*comunicatio*" em latim. Nesse sentido, um código é um sistema de símbolos ou signos ordenados por regras, cuja finalidade é possibilitar a comunicação entre pessoas. O ser humano é visto como animal solitário, que tenta superar sua solidão por meio de símbolos, ou seja, pela comunicação, pelo reconhecimento dialógico do outro, o que é o motivo existencial de toda comunicação. Assim, a comunicação humana é vista como processo artificial, que depende de ferramentas e instrumentos, ou seja: símbolos.

A função do intelecto é simbolizar e propor novos códigos; criar símbolos é um processo contínuo de dar às coisas e objetos do mundo um novo significado, e cada novo símbolo visualiza o mundo de uma perspectiva nova e diferente. O significado de um símbolo pode ser, por sua vez, outro símbolo, e assim nascem hierarquias de símbolos (Flusser 1997: 23, 1998a: 9, 1999a: 199-200). Qualquer significado é indicado por signos ou símbolos e sintomas (cf. 1998b: 25, sem referência à Peirce, que Flusser não cita). Símbolos são entidades cujo caráter convencional é estabelecido numa maneira consciente ou inconsciente, e que representam outras coisas, em última instância, "coisas concretas". A representação do mundo, alcançada pelas operações de abstração e imaginação, é fundamental, não só para a percepção de imagens, mas para quaisquer "mediações entre o homem e o mundo" (Flusser 1998b: 29). Para aqueles que aceitam a convenção como "código" e sabem decodificar os símbolos, estes representam significados. Assim, símbolos são fenômenos essencialmente intersubjetivos, porque eles só existem para quem participa na convenção (Flusser 1998a: 250).

Flusser usa excessivamente a noção de código para se referir a todas as linguagens como, por exemplo, ao se referir à divisão das fotografias em canais de distribuição que é denominada "uma operação de transcodificação" (1998b: 70), ou: do ponto de vista do jornal, "a fotografia recodifica os artigos lineares em imagens" (1998b: 71). Outros exemplos para códigos são a escrita, os gestos humanos e também as mídias – vista como estruturas (materiais ou não, técnicas ou não), nas quais funcionam códigos. Essa noção flusseriana da mídia – *Media Studies* foram considerados também o núcleo do programa da FAAP – é abrangente, compreendendo desde a língua, as pinturas de grutas, até as redes atuais. Também o telefone e uma turma de alunos, o corpo e o futebol são considerados mídias, ou seja, permitem o funcionamento de códigos, cada um à sua maneira. O que importa não é a "natureza" da mídia (como pensa McLuhan), mas a maneira de uso e a articulação do código.

Flusser concebeu a sua teoria dos gestos (1994b) como disciplina interpretativa "das manifestações fenomenais da liberdade" (1999a: 15). Gesto é um movimento corporal simbólico, cujo motivo é a produção de um significado (1994b: 8-10). Flusser diferencia o gesto de escrever, falar, fazer, amar, destruir, pintar, fotografar, filmar, plantar, ouvir música, fumar cachimbo, telefonar, de procurar, e "o gesto do vídeo". (1994b: 32-216) Decifrar gestos, ou seja, descobrir os significados deles, é uma atividade permanente na nossa vida cotidiana (1994b: 10). Esse caráter comunicacional do gesto é tratado com a dicotomia "emissor – receptor", que Flusser usa habitualmente: o significado do emissor e o conteúdo decodificado do lado do receptor fazem parte de dois códigos diferentes; só "podemos falar em comunicação de verdade" se os dois são decodificados simultaneamente e "o gesto do falante é entendido pelo outro parceiro" (1994b: 225). Os gestos do ser humano não são um objeto entre outros, mas são básicos e relevantes para a comunicação que a teoria geral de gestos se equipara à teoria da comunicação, "porque a dimensão comunicativa de gesto é primordial em relação às outras dimensões" (1994b: 217). A comunicação face-a-face, cuja importância Flusser percebeu no início da formação acadêmica pela conversa – lugar onde a língua se desdobra – está preservada aqui.

Flusser acentua a sociabilidade como um aspecto cultural do ser humano. Uma vez que o homem é um animal que sabe armazenar informações adquiridas (1998a: 12), a transmissão de informações armazenadas na memória de uma geração para as memórias da próxima geração é vista como função principal da comunicação. O raciocínio de definir o ser humano pela comunicação, que é baseada em símbolos, organizados em códigos, estes também chamados de "cultura" (Flusser 1998a: 74), corresponde perfeitamente à definição de semiótica de Umberto Eco, segundo a

qual a cultura "deveria ser estudada como um fenômeno de comunicação baseado em sistemas de significação" (Eco 1997: 16). Essa cultura recebe tratamento distinto de várias ciências diferentes, mas do ponto de vista específico da teoria da comunicação, a cultura é analisada sob o aspecto da transmissão de mensagens. Como a teoria da comunicação analisa fenômenos intersubjetivos, trata os fenômenos humanos sob o aspecto simbólico, ou seja, busca o significado e analisa símbolos e códigos; isso significa buscar os motivos da codificação, e não as causas (social, política, econômica, psicológica, histórica etc.), quer dizer, os motivos são interpretados como fenômenos intersubjetivos (Flusser 1997: 9-10, 1997: 261, 1998a: 246). Flusser deixa muito claro que a ciência da comunicação tem de se distinguir das outras ciências sociais e focalizar o aspecto comunicativo dos fenômenos, para não correr o risco de "psicologizar" ou "sociologizar", o que poderia refletir numa perda do caráter humanista da comunicação (1998a: 256). Enfim, a teoria da comunicação e a teoria dos símbolos, ou "semiologia"⁹, são dois lados de um mesmo processo uma vez que a codificação é considerada o problema central da comunicação (Flusser 1999a: 226).

A fenomenologia de Husserl (que também contém uma teoria semiótica (Husserl 1928)) foi talvez a primeira influência e a mais profunda, pela qual Flusser foi conduzido, na década de 50, a Heidegger, outro fenomenólogo fundamental para seu pensamento (Vargas 1999: 279). A noção flusseriana, segundo a qual realidade é "tudo contra o que esbarramos no caminho para a morte, portanto, aquilo que nos interessa", tem claramente a influência da filosofia de Heidegger. Vários títulos (aqui traduzidos para português) indicam um conteúdo fenomenológico, tais como o artigo "Para uma fenomenologia da televisão" (1977), e os livros: *Coisas e Não-coisas: rascunhos fenomenológicos* (1993), *Elogio da superficialidade: para uma Fenomenologia da Mídia* (1995), *Fenomenologia do brasileiro* (1998), *Gestos: uma aproximação fenomenológica* (1994b). E Lafer (1999: 15) atesta sua "inclinação para a análise fenomenológica – de que é excelente exemplo o conjunto de ensaios publicados na França (La force du quotidien)".

A influência da cibernética reflete no uso das noções básicas como "informação", "entropia" e "redundância", "canal", "medium", "codificar" e "decodificar", "input" e "output" (Flusser 1998a: 19, 1998b: 23-25, 34, 72). As imagens técnicas são produzidas por um "aparelho-operador", uma "caixa preta", de que se vê "apenas

9. Flusser não usa o termo "semiologia" no sentido estruturalista, mas no sentido genérico e portanto similar a "semiótica". Para ele, "semiologia" é sinônimo com "doutrina de significados" (Bedeutungslehre) (1997: 220).

o input e o output", e quem "vê o input e o output vê o canal e não o processo codificador que se passa no interior da caixa preta" (1998b: 35). "Emissor", "receptor", "código" e "símbolos" são noções constituintes do modelo flusseriano de comunicação, definido como processo de manipulação de informação, e o homem é considerado "o único fenômeno capaz de produzir informações com propósito deliberado de se opor à entropia" (1998b: 65-66). As (quatro) estruturas fundamentais do discurso são diferenciadas segundo o modo como a informação é distribuída entre emissor e receptor, canais e códigos (1998b: 66, mais explicitamente 1998a: 16-50). Também na filosofia da fotografia de Flusser, "informação", além de "receptores" e "programa", são considerados "conceitos-chave" (1998b: 91). Mas Flusser se distancia explicitamente do modelo simplista do tipo emissor-receptor geralmente disseminado, que, para ele, é considerado "idiotizante" (1998a: 270). Usa essas noções cibernéticas quase sempre entre aspas, para indicar uma alteração semântica de termos cunhados por outros pensadores¹⁰.

Concluindo, Flusser percebeu a importância fundamental da comunicação para o homem e a sociedade, tanto na forma do diálogo interpessoal como na forma midiática. Ao recorrer à fenomenologia, ele usufruiu de um dos paradigmas filosóficos mais frutíferos do século XX. Para fazer jus ao caráter específico da comunicação, é indispensável uma noção de troca de informações, e assim ele integra, ainda que de forma crítica e com reservas, elementos da teoria cibernética. Já que para Flusser qualquer comunicação depende da mediação de um signo, a teoria da comunicação tal como ele entende, sempre opera com termos da semiótica. Sendo um pioneiro institucional da área da comunicação, reuniu essas correntes teóricas diferentes e pertinentes ao campo da comunicação. Além disso, Flusser antecipou o conhecimento atual acerca da sociedade de informação, comunicação e mídia, o que inclui as mudanças estruturais decorrentes desse processo.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES (1965). *Politeia*. London: W. Heinemann (The Loeb Classical Library).
- BAITELLO JUNIOR, Norval (2003): As quatro devorações: iconofagia e antropofagia na comunicação e na cultura. In: FRANÇA, Vera; WEBER, Maria Helena; PAIVA, Raquel; SOVIK, Liv (eds.). *Estudos de Comunicação*. XI Compós. Porto Alegre: Sulina.
- BERNARDO, Gustavo (1997). Os gestos de Vilém Flusser. *Boletim Flusser*, n° 5.

10. Essa modificação terminológica foi estimulada por autores, além dos já mencionados, tais como: Immanuel Kant, Franz Kafka, Karl Jaspers, Friedrich Nietzsche, Hannah Arendt, Herbert Marcuse, Jean Paul Sartre, Jose Ortega y Gasset e Hans Kelsen.

- BERNARDO, Gustavo; MENDES, Ricardo (eds.) (2000). *Vilém Flusser no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- BOLLMANN, Stefan (1999). Vorwort des Herausgebers. In: FLUSSER, Vilém. *Medienkultur*. Frankfurt/Main: Fischer.
- BOLLMANN, Stefan (2000). Editorisches Nachwort. In: FLUSSER, Vilém. *Kommunikologie*. Frankfurt/Main: Fischer.
- DUARTE, Rodrigo (2002). Das Lob der Oberflächlichkeit und ihre Kritik. Flussers Medientheorie und die Kulturindustrie-Theorie von Horkheimer und Adorno. In: SCHWEPPENHÄUSER, Gerd; GLEITER, Jörg H. (eds.). *Rückblick auf die Postmoderne*. Weimar, Bauhaus-Universität: Universitätsverlag.
- ECO, Umberto (1997). *Tratado Geral de Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.
- FLUSSER, Vilém (1963). *Língua e realidade*. São Paulo: Herder.
- _____ (1973). *La force du quotidien*. Paris: Maison Mame.
- _____ (1974). *Le monde codifié*. Paris: Institut de l'Environnement.
- _____ (1977). Two Approaches to the Phenomenon: Television. In: *The New Television: A Public/Private Art* (ed. by Douglas Davis & Allison Simmons). Cambridge, MA: MIT Press.
- _____ (1981). *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Duas Cidades.
- _____ (1983). *Für eine Philosophie der Photographie*. Göttingen: European Photography.
- _____ (1985). *Ins Universum der technischen Bilder*. Göttingen: European Photography.
- _____ (1988). *Krise der Linearität*. Bern: Benteli.
- _____ (1992). *Die Schrift: Hat Schreiben Zukunft?* Frankfurt: Fischer.
- _____ (1993). *Dinge und Undinge: phänomenologische Skizzen*. München: Hanser.
- _____ (1994a). *Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen: Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung*. Mannheim: Bollmann. (Fenomenologia do brasileiro: em busca do novo homem. Rio de Janeiro: EdUerj. 1998).
- _____ (1994b). *Gesten: Versuch einer Phänomenologie*. Frankfurt/Main: Fischer.
- _____ (1995). *Lob der Oberflächlichkeit: Für eine Phänomenologie der Medien*. Köln: Bollmann.
- _____ (1996). *Die Informationsgesellschaft: Phantom oder Realität?* Audio-CD. Köln: Supposé.
- _____ (1997). *Medienkultur* (ed. by Stefan Bollmann). Frankfurt/Main: Fischer.
- _____ (1998a). *Kommunikologie* (ed. by Stefan Bollmann & Edith Flusser). Frankfurt/Main: Fischer.
- _____ (1998b). *Ensaio sobre a fotografia: Para uma filosofia da técnica* (Apresentação de Arlindo Machado). Lisboa: Relógio d' Água.
- _____ (1998c). *Ficções Filosóficas* (introdução Maria Lilia Leão; apresentação Milton Vargas). São Paulo: Edusp.
- _____ (1999a). *Bodenlos: Eine philosophische Biographie*. Frankfurt/Main: Fischer.
- _____ (1999b). *Heimat und Heimatlosigkeit*. Audio-CD. Köln: Editora Supposé.
- _____ (2002). *Writings* (ed. by Andreas Ströhl; trad. Erik Eisel). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- _____ (2003a). *The Freedom of the Migrant: Objections to Nationalism* (Ed. Anke Kronenberg). Champaign: University of Illinois Press.
- _____ (2003b). *Absolute* (Ed. Nils Rölller & Silvia Wagnermaier). Freiburg: Orange-Press.
- HOFFMANN, Stefan (2002). *Geschichte des Medienbegriffs*. Hamburg: Meiner.
- HUSSERL, Edmund (1928). *Logische Untersuchungen*. Vol. 2., primeira parte: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. Halle a.d.S.: Niemeyer.

- LAFER, Celso (1999). Prefácio. In: FLUSSER, Vilém. *A Dúvida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- LEPARGNEUR, Padre Hubert (1998). In Memoriam Vilém Flusser. *Boletim Flusser*, n° 8.
- MACHADO, Arlindo (1997). Repensando Flusser e as imagens técnicas. *Boletim Flusser*, n° 2.
- _____ (2000). Atualidade do pensamento de Flusser. In: BERNARDO, Gustavo; MENDES, Ricardo (eds.). *Vilém Flusser no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- _____ (2002). Nota de rodapé. In: Vilém Flusser. Sobre a descoberta e a ciência. *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura* 3, pp. 27-34. (Nota p. 27)
- MANOVICH, Lev (2001). *The Language of New Media*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- PEIRCE, Charles Sanders (1975). *Semiótica e Filosofia*. (Introdução, seleção e tradução de Octanny Silveira da Mota & Leônidas Hegenberg.) São Paulo: Cultrix.
- RÖLLER, Nils (2001). Um Platão da era dos computadores. *Folha de S. Paulo*. Mais!, 16.12.2001, pp. 12-13.
- SANTAELLA, Lúcia (2000). Flusser na virada do milênio. In: BERNARDO, Gustavo; MENDES, Ricardo (eds.) (2000). *Vilém Flusser no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- STRÖHL, Andréas (2000). Flusser como pensador europeu. In: BERNARDO, Gustavo; MENDES, Ricardo (eds.). *Vilém Flusser no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- VARGAS, Milton (1998). Apresentação. In: FLUSSER, Vilém. *Ficções Filosóficas*. São Paulo: Edusp.
- VARGAS, Milton (1999). Vilém Flusser in Brasilien. In: FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: Eine philosophische Autobiographie*. Mit einem Nachwort von Milton Vargas. Frankfurt: Fischer.

MICHAEL HANKE é doutor em Semiótica (Ciência da Arte), Livre docente em Ciências da Comunicação (ambos pela Universidade Essen, Alemanha) e professor do Departamento de Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais. É autor, dentre outros, de *Kommunikation und Erzählung* (Würzburg 2001) e *Alfred Schütz* (Viena 2002).

michaelhankebeaga@yahoo.com

Artigo agendado em novembro de 2002
e aprovado em fevereiro de 2003.